

O livro Ho-ba-la-lá, a narrativa biográfica e a missão impossível da verdade

Suênio Campos de Lucena¹

Resumo

Este ensaio discute o livro Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto, de Marc Fischer, à luz de livros que abordam de forma crítica a narrativa biográfica e as tensas relações entre biógrafos e biografados – O espaço biográfico, de Leonor Arfuch; O jornalista e o assassino, de Janet Malcolm, e Biografismo, reflexões sobre as escritas da vida, de Sergio Vilas-Boas. Nossa intenção é discutir os elementos constitutivos, as características e os limites de um filão (que se equilibra entre a checagem de fatos, a audição de relatos e versões levantados em audições e entrevistas) frequentemente às voltas com a questão da verdade perseguida por muitos biógrafos.

Palavras-chave: Biografia. Verdade. Ficção. João Gilberto.

¹Prof. Dr. do Curso de Comunicação Social da UNEB - Universidade do Estado da Bahia. E-mail: suenocampos@uol.com.br

Introdução

Vários estudiosos têm se debruçado, nos últimos anos, sobre a narrativa da biografia e a relação entre biógrafos e biografados. Os livros de Janet Malcolm (2011) e Leonor Arfuch (2010) vieram se somar ao ensaio de Pierre Bordieus, “A ilusão biográfica”, todos eles contribuições críticas importantes sobre um tema marcado pela controvérsia.

Vamos abordar essa questão analisando um perfil, lançado em dezembro de 2011, no Brasil: o livro *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*, do jornalista alemão Marc Fischer. Antes, faremos menções a dois casos emblemáticos em torno do filão biografia (que evitaremos tratar como gênero, optando pela denominação “filão”), a fim de discutirmos características e limites dessa modalidade de texto que permite ângulos e abordagens os mais diversos.

Dois casos ocorridos nos Estados Unidos, durante a década de 1970, geraram desdobramentos críticos e jurídicos sobre o filão. O primeiro está mais relacionado com o tema da liberdade de expressão, debate acirrado diante das primeiras revistas que estamparam fotos de mulheres nuas, como a *Hustler*, do empresário Larry Flynt. Após enfrentar muitos processos e detenções, ele apelou para a Suprema Corte. Em sua decisão, a corte decidiu pela livre circulação desses produtos e outros

que alimentavam a chamada indústria pornográfica, abrindo precedente jurídico para a questão. O caso originou o filme *O povo contra Larry Flynt* (1996), de Milos Forman².

Outro episódio relacionado ao tema tem a ver com uma tragédia ocorrida no início de 1970: o assassinato de quatro pessoas a golpes de faca e pauladas, todas membros de uma mesma família – Colette Stevenson, que estava grávida, e suas duas filhas, de cinco e dois anos. O principal suspeito era seu marido, o médico Jeffrey MacDonald, que, à época, alegou que sua casa foi invadida por seguidores de Charles Manson (cujo grupo assassinou, em agosto de 1969, a atriz Sharon Tate, mulher do diretor de cinema Roman Polanski).

Entrevistado pelo jornalista Joe McGinniss, o médico o convidou a integrar sua equipe de defesa a fim de escrever um livro contando sua história de vida e a sua versão de inocência. Quase dez anos após os assassinatos, o médico foi condenado à prisão perpétua, em agosto de 1979. Ele só conheceu o conteúdo do livro em seu lançamento, em 1983, quando, visando divulgá-lo, concedeu uma entrevista ao vivo da prisão para um programa de TV. Naquela noite, o público espectador e o próprio médico reagiram surpresos quando o apresentador revelou o teor do livro – o jornalista havia escrito uma versão totalmente contrária à combinada, descrevendo o médico como um

²Trata-se do processo movido pelo pastor evangélico Jerry Falwell contra o empresário Larry Flynt. Apesar da pressão exercida por milhares de religiosos, Falwell perdeu. A Suprema Corte afirmou não se considerar no direito de impedir as publicações de Flynt por não incitarem o ódio nem a violência. Com isso, a Justiça norte-americana, em pleno apogeu da era Aids (um dos argumentos do religioso contra as publicações de Flynt que, a seu ver, incentivariam a promiscuidade), decidiu que não lhe cabia intervir na circulação de publicações nem autorizar previamente o que as pessoas deviam consumir. A corte entendeu que as publicações de Flynt, embora machistas e extremamente apelativas, deveriam ter a mesma proteção da lei que garante a liberdade de expressão, assegurada na Primeira Emenda da Constituição.

psicopata incapaz de vislumbrar o sentimento alheio, perverso misógino que abateu a própria família, ambicionando liberdade.

O livro alcançou a lista dos mais vendidos. Sentindo-se traído, o médico processou o jornalista. Anos depois, os dois assinaram um acordo em que o jornalista ficava obrigado a pagar 325 mil dólares ao médico.

Esse caso foi explorado longamente no livro *O jornalista e o assassino*, da jornalista Janet Malcolm, que já havia tratado da questão no livro *A mulher calada*, onde analisou biografias da poetisa Sylvia Plath. Sua intenção não foi rever o que ocorreu na noite em que uma mãe grávida e suas filhas foram mortas. Seu interesse era discutir a relação entre biógrafo e biografado, que, para ela, terminou com: “cinco dos seis jurados... persuadidos de que um homem que estava cumprindo três sentenças consecutivas de prisão perpétua pelo assassinato da esposa e de duas filhas pequenas merecia mais simpatia que o escritor que o enganara” (MALCOLM, 2011, p. 13).

A frase que abre o livro *O jornalista e o assassino* tem sido muito repetida. Diz Malcolm: “Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável. Ele é uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas” (MALCOLM, 2011, p. 11). Para ela, o jornalista, assim como muitos biógrafos, não estava interessado em contar a verdade porque, desde o início, já tinha uma tese pronta, traçada previamente.

Esse raciocínio provoca a discordância de Otávio Frias Filho, autor do posfácio da edição brasileira. Para Frias, Malcolm também é parcial ao tratar o jornalista como vilão em seu livro (MALCOLM, 2011, p. 159), aquele que se aproveitou da confiança do médico para lançar um *best-seller*. Frias acredita que ela também defenda um lado, no caso, o médico, pois Janet não cultiva “uma atitude de neutralidade ou indiferença como narradora... não é raro que tome partido (no caso deste livro, a favor do ‘assassino’ e contra o ‘jornalista’” (MALCOLM, 2011, p. 162), isso porque, segundo Frias, ela acredita que a relação entre biógrafo e biografado é “uma relação de poder em que a fonte é invariavelmente prejudicada” (MALCOLM, 2011, p. 160).

Desagrada a Frias a ideia defendida no livro de Malcolm – a impossibilidade de se relatar a verdade: “Estamos no reino das versões, já que a verdade é postulada como inalcançável” (MALCOLM, 2011, p. 164). De fato, o livro de Malcolm não pretende desvendar quem fala a verdade, mas explorar os impasses de um filão, que, para ela, é problemático, pois, defende Janet, uma vida jamais poderá ser contada com isenção. Ela acredita ainda ser o biógrafo profissional eternamente dividido entre inventar um personagem ou perseguir a verdade, e, quando confrontado com a impossibilidade da verdade, este acaba contando o que quer. Mesmo bem intencionado, o biógrafo fracassará porque linguagem é representação e, como tal, nenhuma vida conseguirá ser reproduzida num livro, crê Janet.

Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto, de Marc Fischer

No Brasil, o filão da biografia obteve grande sucesso, sobretudo, a partir da década de 1980, ao lado de relatos juvenis como *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Com licença eu vou à luta*, de Eliane Maciel, best-seller adaptados com igual sucesso para o cinema. Muitos livros sobre a vida de artistas, personalidades e esportistas foram editados aproveitando o fim do regime militar, mas, passado esse período de boom, hoje vivemos o inverso.

O tema tem ganhado impulso no Brasil em face de várias obras proibidas de circular, devido a ações movidas por biografados e herdeiros. São os casos dos livros *Lampião – o mata sete*, de Pedro Morais, e *Roberto Carlos em detalhes*, de Paulo César de Araújo, para ficarmos em dois exemplos. Com isso, editoras cancelaram projetos e têm se permitido lançar apenas biografias com a anuência dos biografados (ou seus herdeiros), o que o mercado chama de “biografias chapa branca”, cujos conteúdos são lidos e aprovados³.

Contudo, este texto não se propõe a discutir decisões judiciais nem marcar uma tomada de posição pró-biógrafos ou biografados. Essa questão aguarda pronunciamento do Supremo Tribunal

³Ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil não existe a prática (editorial, portanto, sem valor jurídico) de se incluir na capa de uma biografia uma faixa ou tarja destacando não ser autorizada, menção criada a fim de destacar que o biografado não autoriza nem concorda com o conteúdo daquele livro. Os casos de proibição e de recolhimento de livros nos Estados Unidos são bastante raros. Lá, quando processados, autores e editoras são julgados e, se condenados, pagam vultosas multas. Contudo, por mais falhas e inverdades que uma biografia norte-americana perpetre, a Justiça daquele país não costuma decidir pelo recolhimento de livros. Na maioria dos processos de calúnia e difamação, biógrafos e editoras respondem judicialmente por distorções e até inverdades, mas os livros seguem circulando.

Federal sobre uma Ação Direta de Inconstitucionalidade, movida em agosto de 2012 pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros. Embora não exploremos esses casos, eles nos levam a refletir sobre o que, a nosso ver, está no cerne de toda a discussão – a narrativa biográfica, que tem por base a verdade e a memória oral.

Para melhor compreendermos o filão, escolhemos abordar um perfil biográfico. Nossa escolha recai sobre uma obra recente e que tem passado quase despercebida: *Ho-ba-la-lá – À procura de João Gilberto*, do alemão Marc Fischer, livro que foge do modelo clássico de biografia ao incrementar imaginação a fatos reais, seguindo o estilo do New Journalism praticado por Truman Capote e Gay Talese, e que recorre a recursos literários e à pesquisa de dados e de contextos histórico e pessoal do biografado. É o caso desse livro, cujo autor parece não buscar verdade alguma em suas 180 páginas, repletas de dúvidas e mais dúvidas. Antes, segue vertente similar aos livros *Em liberdade*, diário ficcional de Silviano Santiago sobre o escritor Graciliano Ramos; e *A última quimera*, recriação de Ana Miranda sobre a vida do poeta Augusto dos Anjos, para ficarmos em dois exemplos de perfis brasileiros que abordam personagens reais com tratamento ficcional – exercícios literários que não dispensam fatos verdadeiros.

O tom de *Ho-ba-la-lá* é engraçado e movido por um propósito bastante curioso. O livro narra a passagem pelo Rio de Janeiro, em outubro de 2010 (em meio à vitória da presidenta Dilma e à ocupação de favelas), do alemão que vem para o Brasil para que João Gilberto cante e toque para ele

sua canção Ho-ba-la-lá, que Marc Fischer ouviu em Tóquio, apresentada por um amigo japonês, e, desde então, nunca mais a esqueceu.

Enquanto procura (e não encontra o cantor), Marc Ficscher elabora seu perfil. Mas a figura que surge no livro é etérea, fugidia, quando não totalmente maluca. Como um Dom Quixote e sua fiel escudeira, no caso, uma tradutora carioca lésbica e dublê de detetive a quem Fischer chama de Watson (enquanto ela o chama de Sherlock), em nenhum momento ele se define como biógrafo, o que o coloca dentro da narrativa. Ele não é mero narrador, analista que reúne fatos e depoimentos dispersos. Fischer também é personagem, diga-se de passagem, sem nenhum distanciamento do seu objeto de estudo. Antes, completamente apaixonado. Só essa paixão, aliás, pode justificar a caçada por um homem nunca visto:

Tentei todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta. Quero... encontrá-lo porque não está claro se se trata de um louco, de um excêntrico, de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol (FISCHER, 2011, p. 17).

Para muitos estudiosos, o biógrafo é um deus que deve arrumar e ordenar a vida do outro, dando coerência a fatos dispersos e desordenados. Seria então o biógrafo responsável por dar sentido à existência humana? Talvez por isso, quase sempre, o modelo seguido é a busca obstinada pela verdade, nada mais do que a verdade, caminho trilhado por muitos biógrafos na ânsia de obterem

reconhecimento e serem tidos como confiáveis e sérios. É assim que evitam a todo custo a utilização de recursos literários. Contudo, esse modelo que persegue a objetividade, retratando tudo exatamente como aconteceu, tem sido muito questionado pelos estudiosos, devido à aparente dificuldade de ser colocado em prática, uma vez que não é dada ao biógrafo a possibilidade do erro e da distorção.

Sergio Vilas-Boas, autor dos livros *Biografismo – reflexões sobre as escritas da vida* e *Biografias e biógrafos*, apresenta (e contesta) vários dos pilares que sustentariam o filão biografia, como o fatalismo, quando o biógrafo acredita que seu personagem é um predestinado. Ao citar o livro *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro, Vilas-Boas afirma que a vida do dramaturgo Nelson Rodrigues, nesse livro, seria: “uma sucessão de mortes, traições, abandonos, doenças... Ou seja, Nelson estava fadado ao sucesso mesmo que as circunstâncias lhe fossem desfavoráveis. O Nelson de Ruy é... um predestinado” (VILAS-BOAS, 2007, p. 91).

Outro item comum aos biógrafos, segundo Vilas-Boas, é a ideia da extraordinariedade, quando biógrafos ressaltam seus biografados como pessoas únicas, extraordinárias e que, por isso, são merecedores da notoriedade de que gozam. Por fim, o autor rebate a busca pela verdade, base de muitas biografias. Abordando a biografia como “gênero literário de não-ficção” (VILAS-BOAS, 2007, p. 20), ele acredita que: “um véu de verdade absoluta encobre as biografias, a visão dos biógrafos e a percepção de resenhistas e prefaciadores. O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela

escrita? Não” (VILAS-BOAS, 2007, p. 153). Ou seja, é como se o biógrafo que optasse por escrever um livro, buscando a verdade, seguisse uma direção praticamente impossível, confirmando a noção de Janet Malcom e o que Bordieus chama de ilusão biográfica: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BORDIEUX, 2006, p. 185).

Segundo Vilas-Boas, muitos biógrafos caem nessa armadilha ao tentar manter em seus livros a mesma postura do trabalho realizado no jornalismo diário das redações de jornais, para ele (assim como para Malcolm), um aparente equívoco, porque “a reconstituição do passado de um indivíduo (vivo ou morto) depende da evidência empírica. Mas o processo não é empírico em si, nem pode basear-se em mera superposição de fatos porque os fatos não são ‘puros’” (VILAS-BOAS, 2002, p. 54).

Nesse ponto, os livros de Leonor Arfuch, Janet Malcolm e Sergio Vilas-Boas parecem concordar com a impossibilidade de se recompor “a plenitude da vida de um indivíduo pela escrita” (VILAS-BOAS, 2002, p. 136), porque a biografia é um ponto de vista, pois “transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida” (VILAS-BOAS, 2002, p. 136).

Marc Fischer expõe contexto histórico, fatos e informações pessoais de seu personagem João Gilberto, mas a toda hora seu livro expõe não os limites, mas as possibilidades de um filão que também se apoia na audição de amigos e familiares, versões e relatos que não dispensam o caso, o

devaneio, a ironia e até a mentira. O jornalista alemão parece ter consciência de que é justamente da negociação, do arranjo desses vários elementos que se constrói a narrativa biográfica, porque ele opta por um modelo em que opiniões e fatos têm a mesma importância. Muitas vezes cruéis, as opiniões de muita gente sobre João Gilberto poderiam dar margem a irritações e processos judiciais da sua parte. Embora narre tudo como se fosse a mais pura verdade, fica claro para o leitor que as fronteiras da verdade e da ficção são muito tênues no caso de Ho-ba-la-lá.

Ao registrar sua “caçada” ao cantor baiano, Marc Fischer aproxima-se do conceito proposto por Arfuch, para quem um biógrafo não pode dispensar uma fonte duvidosa, uma vez que todas as fontes são duvidosas. E o que ele oferece nesse perfil de João Gilberto é um texto que se divide entre “ficção, obra documental, romance histórico, ‘caso’ psicanalítico ou fofoca” (ARFUCH, 2010, p. 103), uma vez que, para ela, não há uma única “história do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais ‘verdadeira’”. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e coautorias... que vai construindo uma urdidura reconhecível como ‘própria’”. Para Arfuch, o fato de um biógrafo se dizer fã de seu biografado não o exime da responsabilidade, pois

[...] a biografia será ameaçada desde a origem pela tensão entre admiração e objetividade, entre uma suposta “verdade” a restaurar e o fato de que toda história é apenas uma história a mais a ser contada sobre um personagem. Sujeita ao

risco de se tornar monumento, exercício de erudição, obsessão de arquivo ou inventário enjoativo de mínimos acidentes “significantes”, também pode se transformar em estilete contra seu objeto (ARFUCH, 2010, pp. 138-9).

Desde o início, o narrador de Ho-ba-la-lá parece descrever uma missão impossível. O livro é divertido, mas persiste certo desalento ao descrever uma tarefa que vai fracassar, característica que contraria o narrador da “biografia clássica”: assertivo, seguro, aquele que tudo sabe. Marc Fischer narra encontros com um ex-assessor do cantor; com o chef de cozinha que forneceu bifes de filet mignon durante cinco anos ao cantor, apesar de nunca tê-lo visto; com Roberto Menescal; João Donato; sua ex-mulher, Miúcha (com quem ele teve uma filha, Bebel), mas persiste a sensação de que até mesmo os fatos expostos no livro são incertos, escorregadios, caindo por terra mais uma noção – a de que toda biografia deve exibir verdades incontestáveis e certezas absolutas. Marc, aliás, nem se vê como especialista em João Gilberto, função para ele desempenhada por Ruy Castro, em seu livro *Chega de saudade*, que Marc considera a bíblia da bossa nova. Fischer não passa sequer a certeza de que João Gilberto ainda esteja vivo, isso porque muitos dos seus entrevistados não veem o baiano há mais de dez anos.

Trancado em casa dia e noite, avesso a tudo e a todos, a pergunta que insiste em Marc é: “O que ele faz o tempo todo?” (FISCHER, 2011, p. 17). Sem respostas e sem receio de ser tachado de fantasioso e inverídico, Ho-ba-la-lá traça um perfil biográfico de alguém perigoso e ameaçador. Para

Menescal, “João é perigoso. Tem alguma coisa de sombrio. Ele muda as pessoas com quem tem contato... é capaz de você se tornar um amaldiçoado para todo o sempre” (FISCHER, 2011, p. 65). O perfil é o de um homem esquisito, extremamente sensível, difícil, cheio de manias: “ele fala sempre com uma vozinha bem fraca, baixinho, uma voz meio sofrida, mas penetrante... A loucura dele é uma loucura suave, quietinha e, por isso mesmo, a mais perigosa que existe” (FISCHER, 2011, p. 67). Para a cantora Joyce, “João hipnotiza as pessoas... É preciso tomar cuidado para que ele não entre na gente e tome posse feito uma jiboia”. No livro que ela escreveu sobre a vida dela, o capítulo dedicado a João se chama “O medo”. Desde então, ela nunca mais viu João nem quer ver (FISCHER, 2011, p. 120). Para sua atual esposa, Claudia Faissol, ele “é um ser socialmente morto... Não percebe que não é saudável viver como ele vive, dentro de casa, no escuro, para sempre” (FISCHER, 2011, pp. 143-5).

Em Diamantina, cidade mineira onde João Gilberto viveu por um período na década de 1970 e para onde Marc Fischer vai à cata de respostas, ele descobre que, já naquela época, quando viam João Gilberto, “algumas mulheres tinham medo. Trocavam de calçada quando ele vinha vindo” (FISCHER, 2011, p. 114). Enfim, o perfil mais insistente é de que João Gilberto é um vampiro que levanta às nove da noite e cuja única ocupação é tocar 12 horas por noite para as paredes.

Ruy Castro considerou Ho-ba-la-lá um livro apaixonante, chegando a indagar: “Algum brasileiro escreveria livro igual?” Ele concluiu que não. Castro afirma que o livro do alemão é composto por “fatos reais, com especulações (surpreendentemente a propósito) sobre a morte, o destino, a solidão, a fala por silêncios e a sensibilidade para com o invisível” (CASTRO, 2011, E-25).

Muitos associaram a notícia do suicídio do alemão Marc Fischer a seu livro Ho-ba-la-lá. O autor se jogou de seu apartamento de Berlim, em abril de 2011, poucos dias após entregar as provas do livro. Tinha 40 anos. Mas essa relação entre o suicídio e seu livro seria verdade ou ficção? Para Ruy Castro, “O que torna ainda mais chocante saber que... quando me visitou aqui no Rio, há um ano – camiseta, bermuda, violão, gravador e olhos brilhando ao ouvir gravações de João Gilberto que não conhecia –, nada fazia prever esse desfecho” (CASTRO, 2011, p.e-25). Bem, resta-nos agora esperar que alguém se habilite a escrever a biografia de Marc Fischer e nos contar, enfim, toda a verdade.

Referências

- ARAÚJO, Paulo César de. Roberto Carlos em detalhes. São Paulo: Ediouro, 2007.
- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BORDIEUX, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CASTELLO, José. O poeta da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, Ruy. Chega de saudade. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- _____. Estrela solitária. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. Livro narra caça a João Gilberto em tom policial. In: Folha de S. Paulo. São Paulo, 10 dez. 2011.
- FISCHER, Marc. Ho-ba-la-lá – à procura de João Gilberto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACIEL, Eliane. Com licença eu vou à luta. Rio de Janeiro: Rocco, 1982.
- MALCOLM, Janet. A mulher calada. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. O jornalista e o assassino. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MIRANDA, Ana. A última quimera. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORAIS, Fernando. Chatô – o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MORAIS, Pedro de. Lampião – o mata sete. Aracaju: Gráfica Andrade, 2011.
- PAIVA, Marcelo Rubens. Feliz ano velho. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.
- SANTIAGO, Silviano. Em liberdade. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.
- VILAS-BOAS, Sergio Vilas. Biografismo – reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Unesp, 2007.
- _____. Biografias e biógrafos. São Paulo: Record, 2002.